

APRESENTAÇÃO

Surrealismo e Intermedialidade

À medida que nos aproximamos do centenário do “Manifesto do Surrealismo” (1924) de André Breton, afigura-se cada vez mais urgente uma reavaliação deste movimento – que atravessou todas as artes, alcançou uma escala mundial e alterou irreversivelmente a forma como entendemos a realidade. Regido por uma inesgotável vontade de experimentação e por profundas inovações técnicas, temáticas, filosóficas, o surrealismo desde cedo chamou a si objetos e práticas artísticas “sans frontières”, pautando-se pela interdisciplinaridade e pela multiplicação de linguagens para alcançar o “point d’esprit” ou “point sublime”, nas palavras de Sarane Alexandrian.

Com efeito, o alcance gnosiológico dos princípios do “Manifesto” nunca mais parou de ressoar e inspirar projetos artísticos, dos anos ‘20 do século passado à atualidade, desafiando limitações de caráter geopolítico e genológico. As irradiações colaborativas atraíram abordagens oriundas de variadíssimos campos e linguagens: poesia, cinema, fotografia, pintura, performance. Entretanto, o cruzamento de quadros temporais e temáticos (muitas vezes constrangido por obstáculos políticos, críticos, socioculturais), alimentou também projetos artísticos individuais: a esse nível, importa destacar a geração surrealista de ‘40 em Portugal, com nomes como Mário Cesariny – de quem se comemorou em 2023 o centenário do nascimento –, Alexandre O’Neill ou António Maria Lisboa. E seria preciso citar ainda António Dacosta, António Pedro, Cruzeiro Seixas, Fernando Lemos, Henrique Risques Pereira, Isabel Meyrelles, Manuel de Castro, Mário-Henrique Leiria – igualmente centenário em 2023 –, Natália Correia ou Pedro Oom, mas também pensar a influência e a reinvenção do surrealismo no Brasil, junto de autores como Jorge de Lima ou Murilo Mendes, entre tantos outros nomes.

O espírito experimental, intermedial, muitas vezes iconoclasta e irreduzivelmente múltiplo deste movimento exige o cruzamento de muitas disciplinas, linguagens, ancoragens – dos estudos literários à história da arte, da filosofia à antropologia. Que legados nos deixou o surrealismo? Que continuidades se delineiam, numa renovação aberta e cíclica do movimento? Enquanto prática artística e meio de pesquisa, de que forma o surrealismo continua a reverberar nas artes de hoje? Qual o seu potencial vanguardista na formação literária e artística das novas gerações, como utopia de reinvenção do mundo?

Pensando o notável extravasamento de fronteiras promovido pelos artistas surrealistas, a sua (re)interpretação crítica do mundo, a pluralidade de ressonâncias que produziu nos últimos cem anos e continua a produzir nos dias de hoje, este número dos *Cadernos de Literatura Comparada* inclui diversas abordagens e perspectivas.

Num primeiro momento, entre textos que se dedicam a questões de pendor mais teórico, Rui Sousa sonda o diálogo estabelecido entre Mário Cesariny e o brasileiro Sérgio Lima e o casal holandês Laurens e Frida Vancrevel, num estudo que reflete alguns princípios universais do movimento surrealista, ao mesmo tempo que evidencia as suas particularidades nacionais, na tentativa de definição de uma história do movimento à escala mundial. Gabriel Bustilho Lamas debruça-se sobre o conceito de revolução dentro do escopo do surrealismo francês, considerando as diversas polémicas no que se refere ao momento político, em que a adesão do núcleo bretoniano ao comunismo foi, por mais de uma vez, motivo de dissensos e expulsões – como o caso de Artaud dolorosamente demonstra. No que se refere à transdisciplinaridade das manifestações surrealistas, Isabella Cortada Roberto lança o desafio de indagar, na contramão dos preceitos bretonianos, a existência de uma música surrealista, muitas vezes em diálogo com o cinema – de Erik Satie a Georges Antheil, mas dialogando ainda com autores como Varèse, Cage ou Schaeffer.

Segue-se um conjunto de textos de viés mais particularizante, com uma atenção especial ao surrealismo no feminino. Mônica Simas começa por pensar a repercussão das obras de autoria feminina para chegar a uma reflexão sobre a “unidade relacional ‘eu’ – ‘tu’” no trabalho poético e escultórico de Isabel Meyrelles; a este nível, o conceito de *cyborg* em Donna Haraway revela-se um ponto de partida fundamental para pensar um novo tipo de sujeito. Também Ana Carolina Meireles reflecte sobre a obra da surrealista portuguesa radicada em França há mais de 40 anos, considerando a recorrência da representação do animal, e a multiplicidade de sentidos simbólicos que possibilita. Raphael Filipe Pereira de Araújo observa a leitura que Cesariny oferece do trabalho plástico de Maria Helena Vieira da Silva, pintora com quem o autor de *Titânia* manteve diálogo ao longo de intensos anos de trabalho criativo; o artigo convoca o universo da história da arte, mostrando o efeito desestabilizador do surrealismo contra uma mera visão positivista. Ainda sobre o surrealismo no feminino, Bárbara Bergamaschi desenvolve uma reflexão acerca das presenças do corpo da mulher nas fotomontagens do poeta brasileiro Jorge de Lima, além de elucidar as relações que este manteve com o surrealismo, através do seu companheiro Murilo Mendes. E Raphael Salomão Khéde, por fim, discorre sobre as intersecções entre modernismo brasileiro e surrealismo, através da poesia de Murilo Mendes; Khéde considera as declarações desse poeta a propósito do movimento francês, evidenciando a especificidade da recepção do movimento surrealista no contexto brasileiro.

Este número dos *Cadernos de Literatura Comparada* inclui ainda a secção “vária”, com diversos artigos de abordagem comparatista (e eventualmente intermedial). Annita Costa Malufe observa os cruzamentos entre literatura, dramaturgia, música e performance na obra final de Samuel Beckett, partindo da experimentação vocal e do corpo como “máquina de fala” (Gilles Deleuze). Lendo a obra de Carlos de Oliveira, e em especial o ensaio “O grão de areia”, Gisele Seeger pensa o conceito de representação, numa abordagem comparatista com a obra de Erskine Caldwell. Numa experiência de pensamento contrafactual ou de história alternativa, a partir de uma intuição pioneira de Virginia Wolf, Marinela Freitas imagina a vida e a obra das irmãs de Fernando Pessoa, pensando as consequências dessa escrita no feminino. E Vítor

Joel Alves Silva questiona as potencialidades e os limites em formas de adaptação e ilustração, partindo de *Where the Wild Things Are*: livro de Maurice Sendak, em filme de Spike Jonze. O volume termina com uma resenha de Maria Etelvina Santos a *A Mulher sem Pálpebras*, de Ana Marques Gastão, texto de cruzamento e reinvenção dos géneros literários.

*

Os organizadores agradecem a Ana Isabel Rocha Santos a colaboração no início da preparação deste número dos *Cadernos de Literatura Comparada*.

Ana Cristina Joaquim
Pedro Eiras
Sandra Guerreiro Dias